

LOUVEMOS A DÔR

O tempo é um calmante e um amigo, um remédio e uma bênção.

A existência na carne é a simples passagem por um túnel escuro. E a nossa felicidade nasce, não dos anos que despendemos ao atravessar o mundo, mas sim dos bens que dentro dele conseguimos improvisar.

Tudo na carne é como vemos num dia — manhã cheia de sol, crepúsculo de sombras e noite cerrada ao nosso olhar.

Felizes daqueles que acendem estrelas no firmamento do próprio coração, para que a jornada se torne menos dolorosa, no nevoeiro noturno, que precede a alvorada seguinte.

Perdoemos a vida e as criaturas pelas angústias que impuseram à nossa sensibilidade.

As mãos feridas são mais seguras que os braços habituados a dominar.

As grandes torturas são grandes bênçãos. No mundo, o nosso sentimento de personalismo não nos permite entender essa realidade. Mas a morte opera em nós completa reforma, quando não receamos a verdade tal qual é.

Bendigamos a dôr que nos zurziu a alma, em todos os passos do dia de ontem. Pouco a pouco, transformar-se-á o nosso sofrimento no óleo bendito que sustentará a claridade da candeia frágil de nossa experiência na Terra.

Sem a luta, dormiríamos na matéria densa, sem qualquer proveito. Deus, porém, que é o nosso Pai de Infinita Bondade, permite que a aflição nos acompanhe, no mundo, na condição de abnegada instrutora e, com o decurso do tempo, a paz se converte em nossa companheira para todas as situações e problemas terrestres.

Estudemos e trabalhemos sempre mais. Seja a fé religiosa para nós um meio de ajudar a todos, para que estejamos atuando, de fato, em nome do Cristo, que tantos dons nos concedeu.

Jamais nos arrependemos da obra que vamos levantando, no terreno do nosso próprio coração — obra de amor, entendimento, humildade e perdão.

A vida responde ao nosso esforço na mesma intensidade de nosso impulso, na criação do bem.

Esperemos a passagem dos dias.

Trabalhemos na sementeira de nossa Consoladora Doutrina, nas duas margens de nossa estrada para Jesus e guardemos a certeza de que não nos faltará o amparo do Senhor.

Chegaremos um dia à praia segura, depois da tempestade. Não será, contudo, o porto enganoso da vitória na Terra, mas o refúgio doce da serenidade e da compreensão, onde nosso espírito poderá realmente repousar e preparar-se, ante o futuro que se desdobrará no amanhã.

As sementes do Evangelho, caídas de nossas mãos, um dia serão árvores robustas e preciosas, proporcionando-nos alegrias que a nossa imaginação não poderá avaliar, por enquanto.

Identifiquemo-nos com o serviço da Humanidade e, nesse sublime trabalho, encontraremos a força preciosa para o sacrifício abençoado que nos garantirá a sublime ascensão.

ISABEL CAMPOS

DESEJO

O desejo de qualquer natureza gera a energia potencial.

E depois do impulso, aparecem os primeiros raios do sentimento.

O sentimento agita os poderes da vontade.

Em seguida, a vontade surge no cérebro em forma de pensamento.

Temos, desde logo, a força irradiante, à procura da concretização segundo a sua espécie.

Então, ei-la a exprimir-se em todas as direções.

É palavra que edifica ou destrói.

É ação boa ou má.

É resolução santificante ou menos digna.
É atitude que auxilia ou prejudica.
É determinação que ampara ou menospreza.
É ato, enfim, que significa compromisso no bem ou no mal.

Tenhamos, assim, cautela com os nossos próprios desejos.

Querer é começar a fazer.

Anelando e imaginando, libertamos de nós mesmos a energia indispensável à materialização de nossas criações interiores.

Damos do que possuímos.

Recebemos, de acordo com a nossa preferência.

Permutamos recursos e impressões, de acordo com os nossos princípios e ideais.

O desejo é semente da alma. Por isso mesmo, asseverou a profecia no caminho dos séculos: — “Guarda carinhosamente o teu coração porque dele procedem as fontes da vida”.

ISMAEL SOUTO

LUTEMOS SERVINDO

Na Terra, tudo é realmente frágil, escuro, ilusório, com exceção do amor com que nos unimos diante da vida.

Pouca coisa podemos retirar do mundo com a desencarnação e, dentre os raros tesouros que trazemos, a amizade pura é um deles. E, nesses fios de luz que nos imantam as almas ao mesmo objetivo, continuamos na comunhão de todos os dias.

Nas tempestades do coração, conhecemos a grandeza do ideal que nos sustenta e, com o suave alimento da esperança, obtemos a graça de prosseguir caminhando... Quando já nos despojamos da pesada armadura dos ossos, a dor bem vivida e bem aceita, iluminada ao clarão da confiança no Céu, está cheia de uma beleza misteriosa — a beleza dos que encontram o acesso ao plano superior, por intermédio das lágrimas vertidas sobre o coração, à maneira de chamas que purificam o espírito imperecível.

O sentimento aqui é, antes de tudo, o nosso clima. Se realizamos o que pensamos, pensamos o que sentimos.

Por mais se acentuem as claridades do grande roteiro, nós, as mães, não nos sentimos animadas ao grande avanço. Permanecemos na condição da ave, que deve limitar os voos, a fim de não perder o próprio ninho. Os apelos do Alto são grandes e fascinantes. É a missão mais ampla a convidar-nos a mais vasto raio de ação.

É o painel dos mundos felizes, que se descerra magnificamente aos nossos olhos.

São as imensas sugestões do serviço que nos clamam a maiores círculos de atividade.

Entretanto, a fé, por mais sublime, não nos libera o coração.

Os filhos são doces algemas de nossa alma. E, por isso, procuramos viver ao lado de nossos antigos tutelados — os sofrendores e os aflitos — de modo a sustentar-nos ao pé dos entes queridos, que precedemos na grande viagem.

Difícil expressar-nos com respeito às nossas esperanças. Todas as mães, ainda mesmo além da morte, sonham com divinas realizações, para aqueles que se lhes anexaram ao destino, na posição de rebentos dos seus próprios sonhos.

Continuamos dessa forma trabalhando e amando sempre.

O prêmio da Bondade Divina aos poucos e insignificantes grãos de boa vontade, que semeamos na gleba do mundo carnal, transcende o nosso entendimento.

Em razão disso, a nossa primeira sensação, na esfera espiritual, é de acanhamento e vergonha. Reconhecemos que a nossa incúria olvidou sublimes oportunidades na Terra.

As faltas por omissão doem profundamente em nosso espírito.

Desejaríamos voltar e mais fazer, no entanto, o ensino passou, guardando nossa alma, quase sempre, a atitude do servidor que perdeu a enxada, perante os dias mais promissores.